

ONG incentiva adoção de cães

LUIZ CARLOS DUARTE

• Bichinhos recolhidos nas ruas de Juiz de Fora são entregues aos novos donos já tratados e vacinados

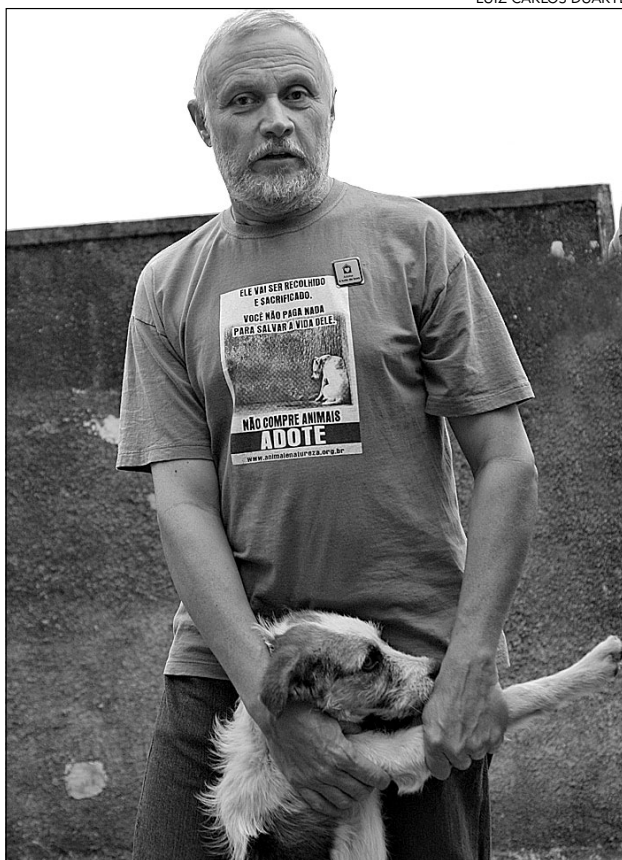
O valor cobrado por um cão ou gato de raça não deve desanimar quem deseje ter um animal. Organizações que se dedicam à mediar a adoção de bichos possuem os mais variados tipos esperando por um dono. Na maioria dessas entidades, já saem vacinados, tratados contra vermes e até castrados. Em alguns casos, os novos donos ainda ganham brindes como ração, comedor e pingente de identificação.

ANIMAL & NATUREZA

Em março de 2005, sensibilizado com a situação de alguns animais de rua, Paulo Medeiros reuniu-se com os amigos e criou a organização não governamental Animal & Natureza, da qual é sócio-fundador. Atualmente, a entidade tem 27 cães para adoção. Só na casa de Paulo, estão 15. O restante fica espalhado por imóveis dos sócios.

Até disponibilizar os cães para adoção, a equipe da Animal & Natureza realiza diversos trabalhos que dependem da colaboração de muitos.

A entidade conta com apoio de clínicas veterinárias, doações pessoais e até fábrica de ração. Tudo isso, para que os animais recolhidos em situação de risco sejam recuperados. A demanda é tão grande, que, muitas vezes, depois de serem tratados, esses bichos



• Paulo Medeiros: índice de abandono em JF é muito alto



Telefones para adoção

- Animal e Natureza - 3084-4413
- Canil Municipal - 3690-3591
- Sociedade Juizforana de Proteção aos Animais - 9965-6240
- Franciely - 3213-3163

precisam ser devolvidos às ruas, já que a entidade não possui espaço suficiente para todos. Tal fato indica a importância da adoção.

ABANDONO

Paulo relata que o índice de abandono em Juiz de Fora é muito alto. Por este motivo, um dos principais focos da Animal & Natureza está na castração. Segundo ele, a melhor solução para o problema.

De acordo com o sócio, com a falta de políticas destinadas ao controle desses animais, as pessoas que ajudam os bichos acabam so-

brecarregadas. Ele relata que há quem tenha até 80 cães em casa.

— Não dá para atender a todos os pedidos de recolhimento, que é de 30 a 40 por mês — lamenta.

A organização incentiva a adoção, mas se preocupa com o futuro dos animais. Quem vai adotar responde a questionário e assina contrato de ciência e responsabilidade pelo animal.

— Tem gente que desiste na quarta das 16 perguntas do questionário — comenta Paulo.

A autônoma Maria Amélia Frutuoso Corrêa Cloh, 25,

teve a vida modificada depois que adotou uma cadela. Ela conta que sempre gostou de bichos, mas, quando se casou, teve que abrir mão de tê-los. Seu marido não gostava.

Por viajar muito, o esposo de Maria acabou cedendo. A mulher passava muito tempo só em casa e precisava de companhia. Sendo assim, resolveram adotar um cachorro.

Primeiro, pegaram um filhote que, de tão bagunceiro, precisou ser devolvido. Em seguida, adotaram Sofia. Dessa vez, uma cadela com cerca de dois anos, que não dá trabalho.

Sofia virou o xodó da casa. O marido, que não queria bichos no imóvel, agora deixa que a cadela suba nos sofás e na cama.

— Ele é apaixonado por ela — diz Maria.

Desde que decidiram ter um animal, nem passou pela cabeça do casal comprá-lo. Maria acha absurdo vender filhotes de uma mãe. Além

disso, para ela é satisfatório ajudar um cão que estava abandonado.

AMOR

A nutricionista Francely Monteiro de Almeida Soares, 34, gosta tanto de bichos que, há cerca de dez anos, começou a recolher alguns nas ruas e levar para sua casa. O número foi crescendo e ela resolveu disponibilizar alguns para adoção. Com ajuda de uma veterinária, que faz preço melhor, ela banca o tratamento dos bichos.

Além dos animais disponíveis para doação, a nutricionista tem quatro cães e seis gatos. Todos encontrados na rua. Assim como Maria Amélia, ela não compra animais. Prefere ajudar os que estão abandonados.

A nutricionista diz que, em alguns casos, é mais difícil conseguir donos para os bichos.

— Os que não têm raça e os mais velhos são os menos procurados — comenta.

Histórias que impressionam

Após cair num poço de piche, uma cadela ficou com o corpo parcialmente coberto pelo óleo. O acidente foi na BR-040, em setembro de 2007. Próximo ao local, seus filhotes aguardavam a volta da mãe, que não seria possível sem a ajuda de humanos.

Por sorte, a cadela foi resgatada por funcionários de um posto, situado próximo ao incidente. Os trabalhadores chamaram a equipe de Paulo, que conseguiu recuperá-la.

O sócio lembra que, para remover a substância,

precisou passar óleo diesel no animal.

— Ficamos das 16h às 20h da noite fazendo esse trabalho — recorda-se.

Ao sobreviver, a cadela ganhou o nome de Piche. Embora esteja saudável, até hoje apresenta comportamento diferenciado de um cachorro comum.

Histórias como a de Piche são frequentes. Mas, com a adoção, podem ser evitadas. Se ela não estivesse nas ruas, certamente não teria passado pelo acidente.